

“Uma leitura encantadora
e acolhedora.”
- Publishers Weekly

NACIONAL



UMA HISTÓRIA DE AMOR

Agrifolace

LOAN LE

LOAN LE

UMA
HISTÓRIA
DE AMOR

AgriDoce

TRADUÇÃO:
ANA BEATRIZ OMURO

NA
CIO
NAL

Diretor-presidente: Jorge Yunes	<i>A phở love story</i>
Gerente editorial: Luiza Del Monaco	© Editora Nacional, 2022 Copyright © 2021 by Loan Le
Editor: Ricardo Lelis	Publicado mediante acordo com a Simon & Schuster Books For Young Readers, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division.
Assistente editorial: Júlia Tourinho	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem o prévio e expresso consentimento da editora.
Suporte editorial: Juliana Bojczuk	
Estagiária editorial: Emily Macedo	
Coordenação de arte: Juliana Ida	1ª edição — São Paulo
Designer: Valquíria Palma	
Assistente de arte: Daniel Mascelani	Preparação de texto: Marina Taki Okamura
Gerente de marketing: Carolina Della Nina	Revisão: Lorrane Fortunato, Lavínia Rocha
Analistas de marketing: Heila Lima, Flávio Lima	Diagramação: Marcos Gubiotti
Desenvolvimento de eBook: Loope Editora www.loope.com.br	Ilustração de capa: Alex Cabal
	Design de capa: Laura Eckes
	Adaptação de capa: Vitor Castrillo

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

L433h Le, Loan
Uma história de amor agridoce / Loan Le ; traduzido por Ana Beatriz Omuro. - São Paulo, SP : Editora Nacional, 2022
320 p. ; 16cm x 23cm.
Tradução de: A pho love story
ISBN: 978-65-5881-097-1
1. Literatura vietnamita. 2. Romance. 3. Ficção juvenil.
I. Omuro, Ana Beatriz. II. Título.
CDD 895.922
2020-331 CDU 821.597

Elaborado por Odílio Hilário Moreira Junior - CRB-8/9949
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura vietnamita 895.922
2. Literatura vietnamita 821.597

NACIONAL



Rua Gomes de Carvalho, 1306 – 11^º andar – Vila Olímpia
São Paulo – SP – 04547-005 – Brasil – Tel.: (11) 2799-7799
editoranacional.com.br – atendimento@grupoibep.com.br

Este livro é dedicado a:

Meus pais, Phung Le e Dong Pham
Amo muito vocês

Minha irmã An Le
Amo você e tenho orgulho de ser sua irmãzinha

Meu irmão Dan Le
Ainda te amo.



Nota da autora

Antes de fugir do país, minha família vivia em Nha Trang, uma belíssima cidade litorânea no centro-sul do Vietnã. Cresci falando o dialeto do sul vietnamita, mas, considerando a localização de Nha Trang, algumas palavras podem refletir uma mistura das regiões central e sul. Por exemplo, chamo meu pai de *Ba* e minha mãe de *Mẹ*, enquanto alguns leitores talvez chamem os seus de *Bố* e *Má*. As comidas citadas neste romance também refletem os pratos comumente consumidos na minha família.



1

Bão

Molho hoisin não é tinta.

Precisamos de uma placa que diga isso, porque nossos clientes não entendem. A obra mais recente é uma estrela deformada na parede. Nota cinco de dez, na minha opinião. O pai da criança provavelmente olhou duas vezes, arrancou a garrafa do filho e então pagou a conta, saindo antes que Mãe pudesse notar. Para ser sincero, não é como se o molho deixasse nossa parede pior, só é difícil de limpar depois de seco. Mas eu tento, de verdade — na maioria das vezes.

Vários parentes dos dois lados da família me observam de seus retratos manchados de água, que ficam pendurados ao redor do restaurante.

Eu me sento e olho para as cinco mesas à minha frente que ainda preciso limpar, mas o calor está insuportável e o ventilador principal, o ventilador bom, quebrou na semana passada. Hora do intervalo. Tiro os grãos de arroz grudados no meu avental. Mais tarde, tenho certeza de que vou encontrar alguns que, de alguma forma, acabam indo parar dentro dos meus sapatos no final de cada turno. No lado oposto, Viêt, meu melhor amigo, segue no mesmo ritmo que eu. Ele usa protetores de ouvido, provavelmente para bloquear a trilha sonora estilo *Paris by Night* que vem do cômodo dos fundos: músicas repetidas sobre a Guerra do Vietnã, amor, guerra, pobreza, guerra.

Viêt é a pessoa mais caótica que conheço. Em um dia comum, ele gosta de passar o tempo tagarelando sobre a mais recente série de investigação criminal

em que ficou viciado. Penso nisso como uma troca: é ele quem sofre com a minha fascinação por palavras estranhas. Certa vez, ele estava limpando uma janela da frente pelo lado de dentro e, sem querer, estraguei o trabalho dele e adicionei mais riscos do que havia antes. Eu vinha mencionando a palavra “defenestrar”, o que o fez me ameaçar calmamente com aquela mesma palavra.

Ba está atrás da bancada, batendo números na caixa registradora, depois enfiando recibos em um espeto para papel. Imagino que a rotina seja satisfatória para ele.

A porta da frente se abre e o sino destrói a lentidão do restaurante, trazendo mais do ar quente e pegajoso para dentro. Minha mãe chama a atenção de dois outros garçons desocupados que vagam pelo salão. Pego a toalha e tiro brotos de feijão, talos de ervas sem folhas e embalagens de canudinhos com o formato de pequenos acordeões. Mę avança pelo cômodo. Ela derruba suas sacolas plásticas de supermercado no caminho em direção à cozinha, furiosa. Todos abrem caminho para ela; conhecem o temperamento de Mę. Mas a expressão de Ba é tão indiferente quanto a que ele exhibe nas fotos do casamento deles nos anos 2000: fria como pedra.

Minha mãe golpeia a bancada com um pedaço amassado de papel diante dele.

— Ahn, você sabe o que eles estão fazendo do outro lado da rua?

Sem erguer os olhos, falando com sua calculadora, ele pergunta:

— Você trouxe mais molho sriracha?

— Voltando para cá, vi esses pôsteres feios por todo lugar.

— Teve uma liquidação. Você comprou na liquidação?

As conversas dos dois são sempre assim: desalinhadas. Um “*como vai?*” respondido com “*não muito*”.

— Em postes de iluminação e janelas por toda a avenida Bolsa!

O som de vidro estilhaçando vem da cozinha nos fundos. Os cozinheiros começam a culpar um ao outro, misturando espanhol e vietnamita. Minha aposta: foi Bình. Aquele cara é pior no trabalho dele do que eu.

Mę ignora o barulho.

— Duas pelo preço de uma. Duas tigelas de phở pelo preço de uma. *Trời ơi.*

— Apenas uma família consegue deixá-la tão irritada desse jeito. Ela pausa. —

Eles estão tentando roubar todos os nossos clientes. Por que Ahn não está preocupado?

Ba bufa.

— O phở deles não é bom. Eles nunca colocam sal o suficiente.

Agora *isso* eu não posso confirmar. Nunca coloquei os pés no restaurante dos Mai, não sei nem o que pode acontecer se eu fizer isso. Provavelmente minha mãe deceparia minhas pernas.

Talvez eles tenham feito um dos garçons se passar por cliente...

Mẹ concorda com a cabeça, reconsiderando sua preocupação. Depois de um momento, ela diz:

— Duas tigelas de phở pelo preço de uma. Quem quer comer phở *lạt*? — Ela ri da própria piada sobre a falta de tempero no phở dos Mai. Ba se junta a ela.

Ultimamente, a preocupação dos dois com os Mai tem aumentado, provavelmente porque eles não param de descobrir as mudanças que a outra família tem feito, mudanças que parecem ser respostas diretas aos nossos ajustes. Nós recentemente instalamos novas persianas de madeira que bloqueiam a luz do sol — só porque parece que eles trocaram as persianas também.

Minha mãe foca em mim.

— *Con đang làm gì đó?* — Ela revira os olhos para as minhas mesas. — Por que as mesas ainda estão sujas?

— Ainda não terminei de limpar.

— Por que não? Ele terminou. — Mẹ aponta para o lado oposto.

Olho para lá, onde está Việt...

E pisco. As mesas estão brilhando, e os espelhos estão sem manchas de dedo e — sim — sem manchas de molho. O cara é tipo um *Flash* asiático.

— Ah, fala sério! — resmungo.

— *Giỏi quá!* — diz ela para o traidor.

— *Cảm ơn* — Việt responde sem qualquer traço de sotaque, embora tenha nascido aqui.

Minha mãe se vira novamente para mim.

— Vai logo! — Ela aponta um dedo para mim. — E arruma o cabelo! Está todo bagunçado.

Não consigo evitar; meu cabelo tem vida própria.

O pôster que Mãe mostrou para o meu pai flutua até o chão atrás dela. Curioso, eu o pego, passando por Việt. Depois de me certificar de que minha mãe já está bem longe, dou-lhe uma cotovelada.

— Puxa-saco.

Việt me dá um soco no estômago.

— Preguiçoso.

Finjo não morrer; ele sempre foi mais forte do que eu.

Việt vai para o salão dos fundos. Olho para o panfleto. Não sei como uma coisa dessas pode ser considerada feia. Ele é incrível. Não há outra palavra para descrevê-lo. Apenas muito legal, com uma espécie de colagem que retrata o Vietnã antigo e moderno: uma mulher, que usa um vestido branco tradicional de seda e um chapéu cônico, pisca para a câmera. Dá para ver o sol e a praia — que me lembram de Nha Trang, a cidade natal dos meus pais — ardentes atrás dela. Um avião acima da mulher escreve nas nuvens os dizeres OH MAI MAI PHỞ: DOIS PELO PREÇO DE UM. Com esse tipo de publicidade da família Mai, meus pais deveriam se preocupar com a *nossa* publicidade. Não temos uma Linh na nossa equipe.

Olho pela janela. Como se o pôster a invocasse, Linh aparece; ela está vindo da rua Larkin. Linh entra correndo no restaurante, com o cabelo todo bagunçado e sua bolsa-carteiro enorme, que ela leva para todo lugar, batendo em suas longas pernas. Sobre a entrada e abaixo de um beiral no estilo de um templo, pende uma bandeira do Vietnã do Sul igual à nossa — amarela com três faixas vermelhas —, que tremula ao receber Linh. Ela é sempre um borrão colorido — indo para a aula, disparando pelos corredores de La Quinta quando o sinal toca, correndo para o restaurante às 15:30.

Eu a vejo, mas não sei quase nada sobre ela. Talvez seja bom ela estar constantemente em movimento, porque, se ela parasse, talvez nós fôssemos obrigados a falar um com o outro. E não fazemos isso desde que éramos crianças.



Hipoteticamente, um templo budista não é lugar de insultos ou ameaças ou um potencial banho de sangue.

Ao longo da vida, fui ao templo esporadicamente, mas o dia em que conheci Linh é o mais memorável, por muitas razões, tirando o fato de ter encontrado o resto dos Mai e ficado *beeem* próximo de testemunhar um derramamento de sangue diante de Ông Phậ.

Antes de conhecer Lihn, nunca havia visto outra criança de sete anos perfurar papel com um giz de cera. Repetidamente. Nós estávamos na sala onde os voluntários *chùa* cuidam das crianças enquanto os pais vão fazer suas preces, ou pelo menos ter um momento de silêncio. Os meus estavam conversando com amigos no andar de cima. Havia mesas com tinta, macarrão, cola e papel, e outra mesa com giz de cera e canetinhas. Não sei bem por que — talvez porque dava menos trabalho —, fui até a mesa com giz.

As outras crianças estavam sentadas bem longe porque tinham medo de que Linh pudesse brigar com elas. Mas a expressão em seu rosto era calma e concentrada — até mesmo satisfeita — e, quando garantiu que todos os gizes estavam completamente sem ponta, ela ergueu o papel branco, triunfante. Eu era o que estava mais perto dela, então ela mostrou para mim.

Os pontos formavam uma imagem completa: grama verde, sol amarelo e um conjunto de balanços vermelhos e azuis.

— Uau — eu disse, como qualquer criança asiática de seis a oito anos com um cabelo de tigela diria.

— É o parquinho da minha escola — respondeu ela, orgulhosa.

— Você consegue desenhar o Homem-Aranha?

Naquela época, era a única coisa que importava para mim.

— Talvez. Não consigo lembrar como ele é. Preciso de alguma coisa para olhar.

— Eu tenho um! Posso ir pegar!

Eu havia trazido minha mochila de Homem-Aranha, mas estava no andar de cima em uma estante com nossos sapatos. Saímos correndo da sala, escapando dos voluntários, que não tentaram realmente nos pegar. Lá em cima, no andar principal, os membros do templo estavam servindo tigelas de *phở chay* e uma

senhora de cabelos brancos acenou para pegarmos uma tigela de sopa vegetariana.

Linh pegou sua tigela com tudo o que minha família sempre me ensinou a usar: molho hoisin, manjeriço tailandês e broto de feijão. Aquilo me mostrou que ela conhecia phở; que ela *vinha* de phở. Isso foi confirmado quando nós dois experimentamos o phở ao mesmo tempo e dissemos “ECA”. Salgado demais. Largamos nossas tigelas, rapidamente, depois seguimos até o nosso destino.

Só me lembro de correr. Estava atrás de uma garota que mal conhecia, mas eu realmente queria aquele desenho de Homem-Aranha. Antes que pudéssemos chegar à minha mochila, porém, a voz afiada de Mẹ soou. Aquela que ainda invoca séculos de mães vietnamitas furiosas. Eu congelei. Nossas famílias estavam em lados opostos da sala, com Buddha no centro, aceitando presentes e agradecimentos dos visitantes. Linh e eu fomos pegos no meio. Esperei que Buddha ganhasse vida, interrompesse como um árbitro, e ordenasse — enquanto o chão vibra com força —: “Preparados? LUTEM!”.

Mas nada daquilo aconteceu.

A mãe de Linh deu um passo à frente, como se estivesse marcando território. A filha mais velha e o marido estavam logo atrás dela.

— *Đến đây* — minha mãe disse para mim.

Achei que ela estava brava comigo por correr em um templo. Não consegui dizer não e, quando me juntei a ela, segurou minha mão com força. Ba ficou atrás, e me lembro de ficar confuso com a fúria mal contida em seu rosto, tão diferente de sua passividade costumeira.

Depois disso, eles nos arrastaram para longe um do outro.



— Você ainda não terminou suas mesas.

A voz de Ba no balcão da frente me arranca das minhas memórias. Ainda estou parado perto das janelas, mas percebo que o céu está um pouco mais escuro e os postes estão começando a ligar. O ruído das conversas no restaurante enche meus ouvidos.

— Por que você está com esse panfleto?

— Desculpa — digo. — Estava pensando em como é feio. Mãe tem razão. — Caminho até a lata de lixo mais próxima, com uma mão sobre ele.

A história do templo poderia ter sido mantida como uma memória descontraída, perdida e empoeirada como um livro velho no porão. E eu de fato cheguei a esquecê-la; Linh era apenas uma das muitas crianças que eu havia conhecido e nunca mais vi — melhores amigos por uma hora ou duas, em vez de para sempre.

Então a família de Linh abriu um restaurante na frente do nosso, cinco anos atrás, e eu sabia que era ela. Sabia que ainda desenhava, porque ela carregava o portfólio consigo para todo lugar, quase tão grande quanto ela.

Eu também sabia que não podia chegar perto dela sem correr o risco de sofrer com a ira da minha mãe. O desdém ficava claro na sua voz sempre que ela falava sobre *aquele* restaurante, como se fosse uma pessoa.

Ouvi dizer que aquele restaurante paga mal os funcionários.

Aquele restaurante é ligado a uma gangue; afinal, eles acabaram de se mudar de San Jose.

Aquele restaurante chantageou Bác Xuân, expulsou o homem da loja dele.

Essa última razão talvez seja o motivo pelo qual os vizinhos não os aceitaram tão facilmente a princípio. Bác Xuân basicamente ajudou a área a florescer, conectando seus colegas donos de negócios às pessoas certas. Pode-se dizer que ele era amado. Acho que o círculo de amizades da minha mãe não facilitou nada as coisas para *aquele* restaurante — lobos sociais que comandavam vários estabelecimentos na área: como a Casa de BBQ de Lien Hoa, salões de beleza e até uma agência de viagens. Naquela época, publicidade não era muito comum, então os elogios de uma daquelas mulheres eram garantia de sucesso. Ou você ganha um *dở ẹc* ou um *cũng được*, sendo que o último é o mais próximo que dá para chegar de “ótimo” em termos de elogios em vietnamita. O grupo delas é liderado por Nhi Trưng, uma mulher mais velha que constantemente gostava de se exibir dizendo que seu nome é semelhante ao de uma das líderes militares mulheres que se rebelaram contra a dominação chinesa séculos atrás — conforme descobri na Wikipedia. Como se isso fosse impressionar alguém atualmente. Penso nela como a General, embora a Nhi Trưng da vida real fosse a filha do general.

Ela tinha um motivo especial para odiar os Mai: ela sempre gostara do ponto de Bác Xuân e dizia que ele tinha mais movimento. Aposto que ela estava planejando pegar o lugar logo que surgisse a primeira oportunidade.

Felizmente, as fofocas mudam e a atenção de algumas pessoas dura pouco. Agora, o restaurante dos Mai se tornou um estabelecimento comum como o nosso. Mas isso não impede a veia competitiva da minha mãe.

Meus pais — minha mãe, na verdade — agora são mestres na arte dos desencontros, conhecendo todos os horários dos Mai: de quando eles fecham até quando vão para casa. De certa forma, os horários deles se tornaram os nossos. Somos figurantes nas histórias uns dos outros.

Enquanto olho para o pôster nas minhas mãos, porém, me pergunto se é possível mudarmos nossos roteiros. O que aconteceria se nossas famílias ficassem cara a cara como daquela vez no templo? O que eu e Linh diríamos um ao outro?

— *Tại sao mày đứng đó vậy?*

— Desculpa! — grito para minha mãe. De volta ao trabalho.

Dobro o pôster de Linh e o guardo no bolso, sem saber por quê.



2

Linh

— Talvez eu só não faça o SAT outra vez. Talvez só largue a escola agora e me torne a próxima grande romancista americana.

Lanço à minha melhor amiga, Allison, meu olhar de “*Você está me irritando de novo*”, já que esta é a terceira vez que ela me interrompe enquanto trabalho no meu atual rascunho.

— Fala sério — digo.

— Não, sério. Qual é o sentido do SAT? Não tem nada aqui que a gente possa aplicar na vida real. — Ela enrola o cabelo cacheado cor de mel com um dedo. Seu pé chuta meu tornozelo esquerdo. — E as suas pernas estão no meu espaço outra vez.

Eu as dobro só um pouquinho mais, mas não há muito que eu possa fazer nesta mesa.

— Você vai se sair bem. Já foi bem na primeira vez. E daí que a sua pontuação em matemática não foi perfeita? Ainda assim foi ótima. E você vai arrasar na redação, senhorita editora-chefe. Sei disso.

— E você vai arrasar em tudo. Porque você é Linh Mai, porra! — exclama Ali.

Ela finge tomar um gole raivoso de seu *cà phê sữa đá*, e a condensação deixa uma poça ao seu lado. Desde o sexto ano, sempre tomamos café gelado para dar conta da montanha de lição de casa que temos. O último ano do ensino médio acabou de começar, mas eu já sinto que estou enterrada.

Um pouco do meu café cai na mesa, encharcando as bordas do meu bloco de desenho cor de creme. Não o limpo. Ouço a voz da sra. Yamamoto na minha mente, dizendo “*Se você quer ser uma artista, vai precisar fazer bagunça*”. Foco no meu rascunho.

O horário em que o restaurante fecha é, na verdade, uma ótima hora para desenhar. O assento vazio ao meu lado equilibra meus lápis Prismacolor. Minha borracha, uma mistura feia de todas as cores que venho usando, está ao lado deles. O rascunho não está tão ruim assim. A tarefa: *Desenhe suas memórias*. Instruções: *Por que diabos eu devo dizer pra vocês o que fazer?* Ou pelo menos é isso que Yamamoto sempre diz para a turma na aula de artes.

Estou desenhando uma cena na praia, lembrando a vez em que Ba me ensinou como boiar, onde Mãe me ensinou a “cozinhar” com areia e a brincar de faz de conta enquanto eu cavava buracos côncavos na areia e despejava água neles para fazer *bánh bèo ngọt*, um doce cozido no vapor que você pode segurar na palma da mão e comer.

Minha irmã mais velha, Evelyn, ficou debaixo da sombra do guarda-sol, lendo — dentre todas as coisas — um livro sobre o esqueleto humano. Adivinha quem está agora estudando Biologia na Universidade da Califórnia, em Davis?

A ponta do meu lápis de cor quebra enquanto faço a sombra de uma área debaixo do guarda-sol.

— O que você está desenhando? — pergunta Ali, estendendo o braço sobre o livro do SAT para tocar o rascunho, mas rapidamente dou um tapa na mão dela para afastá-la. — *Meu Deus, você é um monstro quando desenha, sabia?*

Puxo meu bloco de desenho de volta.

— Ainda não está pronto.

E não vai ficar se eu continuar perdendo o foco, ou deixar Ali me distrair com seu papo.

E é isso que ela faz de melhor.

Por sorte, estou acostumada. Ali é figurinha carimbada no restaurante depois da escola e, por anos, fomos eu, Evie e Ali, e nada realmente mudou, a menos que você conte o fato de que agora Ali rouba o último rolinho de ovo, sempre me lançando um sorriso perverso.

Houve um período em que os pais dela estavam em processo de divórcio e, por mais forte que ela fosse, sua casa era um campo de batalha. O divórcio eventualmente se concretizou, e tudo está mais estável agora. Ela voltou a ser a Ali que gosta tanto da minha arte que sempre precisa dar uma espiadinha nela. Ela diz que um dia nós vamos dominar o mundo — ela como escritora, eu como artista.

— O que o seu pai tem hoje? — Ali aponta com o queixo para a frente do restaurante, onde Ba ocupa sua própria mesa.

A luz jorra das janelas da frente, transformando seu cabelo normalmente grisalho em um branco ofuscante. Ele está fazendo os cheques da semana, mas continua olhando para o restaurante dos Nguyễn. O melhor palpite é que ele está espionando eles. Ba é estranho assim.

— Sei lá.

É impossível os Nguyễn *não* verem ele. Meu pai não é a pessoa mais discreta ou astuta; todas as partes dele — seu jeito de andar, de respirar — fazem barulho. Minha mãe, por outro lado, é o oposto. Ela entra e sai de todo evento social, de qualquer cômodo, de qualquer conversa, como um fantasma. Mas ela é mais barulhenta quando cozinha; os temperos e sabores em seu phở, bún bò e bún riêu são seu jeito de anunciar: “*estou aqui*”.

Nosso plano de fazer uma promoção de duas tigelas pelo preço de uma combina o talento de Ba para publicidade e as habilidades culinárias de Mẹ, ou pelo menos é isso que diz Ba. Mas já estou sofrendo com a enxurrada de pessoas que vai aparecer. Já temos uma equipe pequena, tivemos que dar adeus a três garçons que se formaram e foram fazer faculdade. Contratamos substitutos, mas parece que apenas um deles vai continuar.

Antes que eu me dê conta, Ba aparece na nossa mesa. Ele coloca um prato de rolinhos de ovos quentes e crocantes que Mẹ mandou da cozinha. Ali literalmente suspira, como se já não tivesse comido trocentos deles durante o tempo em que nos conhecemos.

— *Cảm ơn*, Ba.

Ele pega meu rascunho e o avalia.

— *Con vè nậy hả?* — ele pergunta calmamente. Concordo com a cabeça e ele abaixa o queixo, demonstrando reconhecimento. Sei que vê que consigo

desenhar. Ele não teria me pedido para fazer os panfletos se não ao menos aprovasse meu trabalho. — Você já fez sua lição de casa?

— *Dạ*, Ba.

Ba balança a cabeça, satisfeito, e vai para a cozinha.

Houve um tempo em que eu levava para casa todos os meus trabalhos de arte da escola, durante o primário e o fundamental, e eles os pegavam e os penduravam na parede. Um desenho de flores em um vaso ainda enfeitava a parede da cozinha ao lado da porta de vaivém. Eu sabia que eles tinham orgulho.

Mas o ensino médio é diferente. Durante o meu primeiro ano, clientes assíduos costumavam vir todos os dias, atualizando meus pais sobre os filhos que foram para Harvard, ou ganharam um prêmio de prestígio, ou se formaram com honras, ou lhes compraram uma casa. Foi então que meus pais realmente começaram a prestar atenção às minhas notas — aquelas que realmente importavam e podiam me fazer entrar em uma boa faculdade.

Por volta do final do terceiro ano, levei para casa uma prova de física que gabaritei apenas porque estudei a noite toda, deixando de lado um trabalho de artes que estava fazendo na época. A prova valia muita coisa. Mãe mencionou minha nota a um cliente regular que falou de uma sobrinha que era boa em física e agora trabalhava como engenheira. De alguma forma, aquela ideia ficou na cabeça deles, e meus pais têm insistido na engenharia como um caminho para mim desde então.

Nunca havia visto eles tão entusiasmados.

— Você já contou para eles? — Ali me tira dos meus pensamentos. Ela está me observando. Ela é uma das poucas pessoas que consegue adivinhar o que estou sentindo, me ler instantaneamente.

— Sobre tomar um café com *Quyền Thành*? Não, isso já está decidido. Não posso voltar atrás agora.

Meus pais não costumam pedir favores de clientes regulares ou amigos. É assim que funciona: se alguma coisa no restaurante está quebrada e um amigo se oferece para consertar, eles recusam. O mesmo amigo aparece com uma caixa de ferramentas apesar disso, e meus pais relutantemente o deixam entrar. Quando todas as coisas estão consertadas, eles se oferecem para pagá-lo, mas o amigo protesta e vai discutindo até a porta.

Nesse caso, um envelope com dinheiro talvez apareça misteriosamente debaixo do tapete da porta do amigo, ou nos bolsos do casaco que ele pendura dentro do restaurante.

Mas meus pais haviam pedido um favor quando Evie estava decidindo para qual faculdade ir, e ligaram para alguns amigos de amigos para ajudar com opiniões e comentários. Dessa vez eles usaram outro favor, marcando um cafezinho com aquela sobrinha de um cliente que era engenheira. Eles me disseram que seria uma oportunidade para fazer perguntas e aprender mais sobre o “meu futuro”.

Como posso dizer não?

— Con — chama Ba. Ele está quase entrando na cozinha, mas acena para a frente onde uma família de quatro pessoas espera para se sentar. Assumo meu papel de garçoneiro, algo que faço desde o primeiro ano e mesmo antes disso. Quando nós havíamos acabado de abrir o restaurante, lembro de seguir os outros atendentes, armada com meu próprio bloco de notas e caneta (ou era um giz?), e os clientes me agradavam com sorrisos.

— Mesa para quatro? Sem problemas. Venham comigo, por favor. — Conduzo a família a uma das mesas do centro, até que Jonathan, o mais competente dos novos funcionários, agilmente entra em cena.

Volto para minha mesa com Ali. Ela está mastigando a ponta do lápis, empacada em um artigo que está escrevendo.

Mesmo agora, meus pais lamentam Evie estar a um dia de viagem de distância, em vez de estar em casa. Evie era a melhor atendente entre nós, calma e serena em serviço. Organizada. Mãe nunca tinha que pedir para Evie encher os *dispensers* de guardanapo ou as garrafas contendo *tương phở*, porque eles provavelmente já estavam cheios.

E ela é definitivamente mais carismática, como Ali, com os outros clientes. Ninguém diz nada, mas sei, pela forma como eles perguntam sobre Evie, que alguns clientes antigos devem estar decepcionados por eu tê-la substituído — eu, que preferiria mil vezes ficar na minha mente ou na frente de uma tela. Sempre dizem aos meus pais como eles devem ter orgulho dela.

— Logo, logo, ela vai ser médica — os clientes dizem afetuosamente. Então olham significativamente para mim. — E talvez você possa fazer o mesmo.

Talvez em outras famílias isso teria funcionado. Quer dizer, eu e Evie temos apenas dois anos de diferença, mas uma pessoa que não nos conhece bem diria que fomos criadas por duas famílias diferentes.

Mencionar que quero cursar qualquer coisa remotamente criativa? Impossível. No primeiro ano, quando a ideia de fazer algo relacionado à arte havia acabado de vir à minha mente, tínhamos uma cliente cuja filha não podia ser mais perfeita. Só tirava nota máxima, era ativa em todas as áreas da vida, e seu cabelo estava sempre preso em um coque perfeito. Ela também era uma das melhores alunas no time de dança e naturalmente decidiu cursar dança na faculdade. Supostamente, o pai foi mais leniente, e por isso ela conseguiu até, sei lá, *viver* depois de anunciar a decisão. A reação da mãe, por outro lado, permanece comigo: “Às vezes, eu quero morrer! Ela vai ser pobre a vida inteira. Nunca vai dar certo”.

E minha mãe simplesmente a consolou como se ela tivesse perdido uma filha, concordando com cada palavra. A mulher e a filha costumavam ser próximas; agora a garota é uma coreógrafa e raramente vai para a casa dos pais. Sempre que a mãe aparece no restaurante, a solidão irradia dela em ondas.

Olho ao redor do restaurante, pousando os olhos nas partes familiares que compõem um lugar que tem sido uma segunda casa por anos: nosso altar vermelho que recebe os clientes; nosso altar particular nos fundos, onde o teto ficou preto de fuligem depois de tantos anos acendendo incensos para preces; as pessoas que vêm aqui para o café da manhã, almoço e jantar, as pessoas que meus pais já conhecem há muito tempo, de quando viviam em um campo de refugiados, que aparentemente lembram de tudo sobre mim quando eu era criança, mesmo que não me lembre delas. Eu vivo as confundindo.

Não há nada de ruim. Não há nada de *errado*, na verdade.

Mas não parece o suficiente. Há alguma coisa que me impele a ir um pouco mais longe daqui. Será que só estou sendo egoísta?

Ali se levantou para alongar as pernas. Ela está parada perto da janela com Ba e começou a conversar com ele. É a cara dela ir falar com alguém que não gosta de conversar. Carisma que vai e vem. Ali ri de alguma coisa, mas Ba parece sério. Deixo meu rascunho e me junto a eles, curiosa.

— Eu posso entrar lá, sabe. Fingir que sou uma cliente e roubar umas receitas.

Ba não responde imediatamente. Até parece que ele está considerando aquela ideia. Reviro os olhos.

— Ba, sem chance.

Qualquer coisa que os Nguyễn façam, nós temos que fazer melhor. Eles abaixam o preço do *chả giò* para quatro dólares por dois rolinhos, e nós temos que cobrar três dólares e cinquenta centavos pelo mesmo número de rolinhos de ovo. Eles têm cinco sabores de *sinh tố*; nós temos seis. Nunca sei quem está ganhando.

Meus pais ainda estão tentando alcançar os outros comerciantes da região, como os Nguyễn, ainda cientes de como foi difícil abrir um restaurante novo no lugar de um que, para todos os efeitos, parecia bem-sucedido.

Eu me lembro de Bác Xuân, o dono anterior, visitando nosso antigo apartamento em San Jose sempre que tinha um fim de semana livre — dando uma passadinha depois de ver sua única filha e seus quatro netos. A mais velha, Fay, vai se casar no fim do outono. Lembro da lentidão com que ele entrou em casa e suspirou satisfeito ao afundar na nossa única poltrona La-Z-Boy confortável. Disse para os meus pais que queria se aposentar e que sua filha, que fora colega da minha mãe em um salão de beleza onde ela trabalhou, sempre elogiava o *phở* dela.

Se você faz um bom phở, pode abrir esse restaurante, ele havia dito.

As coisas aconteceram tão rápido depois disso. Nós nos mudamos. Fui transferida para outra escola. O restaurante abriu... e de repente eu estava a apenas alguns passos de distância do garoto que havia me pedido para desenhar um Homem-Aranha para ele. Teria sido uma boa coincidência, e poderia ter feito um amigo — se ao menos meus pais não tivessem deixado bem claro que eu jamais deveria chegar perto daquele lugar.

— *Gia đình đó thì dữ lắm, lại rất là xấu.*

— Mas de que jeito eles são ruins?

— Eles não pagam nada para os funcionários. Eles devem muito dinheiro para os fornecedores. Eles...

— Apenas nunca se envolva com eles — minha mãe interrompeu meu pai, algo que ela raramente faz.

Sei que os vietnamitas gostam de julgar uma pessoa com base na família inteira e, para os meus pais, os Nguyễn são péssimos, mas Bảo é um mistério para mim. Ele está lá, mas ao mesmo tempo não está. Em quatro anos de ensino médio, com mais de 2.500 alunos na escola, não tivemos uma aula sequer juntos. É como se a administração da escola soubesse da rivalidade e tivesse conspirado para nos manter distantes.

E o ensino médio vai ter terminado antes que eu perceba e vamos levar vidas ainda mais discrepantes.

— Sr. Mai — diz Ali, fingindo um tom sério —, estou mais do que disposta a espionar seu inimigo se isso for ajudar os negócios. Só me diga quando. — Ela volta para a nossa mesa para pegar suas coisas. — Acho que vou para casa agora. Estou com o prazo apertado. — Ali coloca a mochila nas costas, grunhindo ao sentir o peso dos livros. Ela para ao lado do *pass through* e coloca a cabeça dentro dele. — Posso levar um pouco de caldo, sra. Phạm?

Dica para conquistar minha mãe: chame-a pelo nome de solteira, que ela manteve em vez de pegar o de Ba. — Minha mãe está *morrendo* de vontade de comer phở.

Pronúncia perfeita, graças a mim.

É como se você estivesse confuso e perguntasse “Hã?”, só que com um f.

Ah. Entendi. No tom que meio que dá uma volta, certo? Mas também é tipo como se você estivesse dizendo a palavra “fã”.

Certo, isso, você entendeu.

Em vietnamita, meu pai murmura, impressionado e confuso, sobre como ele nunca viu uma *mỹ trắng* — uma pessoa branca — comer phở tantas vezes por semana.

Ouçó o sorriso contente da minha mãe em sua voz:

— É claro!

Com o cabelo preso em um coque frouxo — com um lápis, algo que nunca aprendi a fazer —, Mãe vem dos fundos, esfregando uma mão no avental. Ela oferece a Ali um cilindro de plástico cheio de caldo caseiro de frango e osso de bife, nossa marca registrada.

Ali agradece, radiante:

— Ótimo! Muito obrigada, sra. Phạm!

Nós duas observamos Ali sair do restaurante até Mãe exclamar:

— Ali é tão *dễ thương*! — Ela tem orgulho de eu ter uma amiga que gosta da comida dela.

Ba balança a cabeça.

— *Con đó khùng*.

Eu rio. De acordo com meus pais, Ali ou é fofa ou é um pouco estranha. Vou ficar do lado do meu pai dessa vez.

— Você não vai comer? — Mãe aponta para os rolinhos.

Se eu disser que não estou com apetite para eles agora, ela vai ficar preocupada.

— Vou, daqui a pouco.

Lembrando da reação de Ba ao meu rascunho, fecho o bloco e o guardo na minha mochila, fazendo o papel lá dentro farfalhar.

A sra. Yamamoto me deu aquele panfleto dois dias atrás. É o anúncio de uma mostra no Asian Art Museum que vai ficar lá por apenas uma noite e uma manhã. A obra de Chang Dai-Chien será exibida, doada por seus familiares vivos. Ele foi um dos primeiros a elevar pinturas em tinta nanquim e viajou o mundo todo antes de focar em aperfeiçoar a arte de pinturas budistas. Yamamoto achou que eu me interessaria. Ela sempre me diz como parece que gosto de capturar memórias — em vez de retratar algo que esteja posando diante de mim — nas minhas obras.

— Apenas vá lá dar uma olhada — disse ela no final da aula.

Eu já estava atrasada para o trabalho e saí correndo porta afora depois de pegar o panfleto com um agradecimento apressado. Mas, enquanto o olhava na volta de La Quinta, logo soube que não poderia perder a exposição.

Mãe desaparece, depois volta da cozinha com sua própria tigela de phở. Ela gosta de comer antes do movimento do jantar. Meu interior suspira ao sentir o aroma: anis-estrelado, canela, os tons terrosos de frango e ossos de bife. Ela o adorna com manjeriço tailandês picado e brotos de feijão fresco, umas gotinhas de limão aqui e ali, e completa com uma espiral generosa de molho hoisin, brilhoso sob nossas luzes. Uma obra de arte.

— Lindo, não é? — Ela inspira, com um pequeno sorriso no rosto. Mãe fala mais alto quando cozinha, e é mais feliz quando come. Eu a amo por isso. Quero que ela continue sempre assim.

Ela fica triste às vezes — são manhãs em que não deixa o sol entrar, com as persianas da janela fechadas de modo que apenas lascas de amarelo conseguem passar. Ela afunda a cabeça no travesseiro, com as têmporas cobertas por gotinhas de *dầu xanh* para amenizar sua dor de cabeça. Odeio o cheiro. Ele me faz lembrar de doenças e dores no estômago, porque era isso que usavam em mim quando eu era criança. Nesses dias, é Ba quem cozinha. O jantar é sempre um simples *canh sườn bí*, que sempre tem menos sal do que deveria, e nunca chega aos pés da comida de Mãe.

É sempre pior no aniversário da fuga dela em 1983 ou quando o aniversário de morte de algum parente se aproxima. O relato de Mãe sobre sua fuga de barco para as Filipinas é um verdadeiro pesadelo. Cresci ouvindo essas histórias. Não sei bem o porquê — uma lição, talvez? Como se fosse um jeito de dizer “*Ei, olha só o inferno que eu passei para que você tivesse uma boa vida*”. Mas será que uma criança de oito anos deveria ter sonhos sobre um mar completamente escuro e um barco lotado com trinta e nove pessoas, incluindo bebês esfomeados aos prantos?

Não é depressão, eu acho. Às vezes, ela simplesmente desliga. É só isso. Como se estivesse se lembrando de alguma coisa e não conseguisse tirar aquilo da cabeça.

Ajuda quando ela liga para minha tia, sua irmã seis anos mais velha, a que ficou no Vietnã. Ela havia planejado fugir com minha mãe, junto com os primos mais velhos. Mas os oficiais a pegaram, então ela insistiu que minha mãe seguisse em frente, confiando nos primos dali em diante. Eles eventualmente chegaram a um campo de refugiados em Palawan, nas Filipinas. Minha tia não ficou detida no Vietnã por muito tempo, e talvez tenha subornado as autoridades para sair.

Mas ela entendeu na época que não teria tanta sorte da segunda vez.

Mãe diz que eu a lembro de *Dì Vàng* porque nós duas gostamos de desenhar. Minha tia nos visitou quando morávamos em San Jose. Eu tinha cinco anos. Me lembro de pensar que ela era como uma pintura colorida que ganhou vida e,

quando vi uma obra de Kandinsky na minha aula de teoria da arte no segundo ano — uma de suas *Composições* —, pensei: *é ela*. Kandinsky sempre falava sobre uma conexão entre ele e o observador, sobre como o papel do artista era não apenas mexer com seus sentidos, mas também provocar sua alma.

Quando minha mãe e minha tia se falam no telefone, sei que tudo vai ficar bem. Elas cuidavam uma da outra no Vietnã — desde que meus avós faleceram quando minha mãe tinha onze anos — e ainda cuidam uma da outra agora. Os quase catorze mil quilômetros entre elas são insignificantes.

Mẹ sorri quando um jovem casal entra — vietnamita, pela forma como ela os cumprimenta. Ba os conduz a uma mesa. Carisma ativado. Ele já está falando sobre a promoção de phở, entregando-lhes meu panfleto junto do cardápio. O mais recente esquema de marketing de papai talvez funcione, mas vai ser um inferno trabalhar durante essas noites. A promoção vai atrair um monte de outras pessoas vietnamitas, que foram treinadas por suas mães munidas de *đũa* a comer o que está na frente delas, *depois* comer um pouco mais mesmo que já estejam cheias.

A visão do panfleto atíça alguma coisa na minha mente.

— Quando é mesmo?

— Hm?

— O Dia do Phở — *ou seja lá como vocês o chamam*.

— É 30 de setembro, lembra? Vamos precisar da sua ajuda nesse dia.

Até três semanas atrás, estávamos sem três garçons e garçonetes. Julia, Kingston e Huy estavam um ano na minha frente e foram para a faculdade. Mas dizer que os novos funcionários estavam ajudando seria uma mentira completa. Jonathan era apenas decente. Lisa, a recepcionista, fica facilmente ansiosa. E Tàì tem dedos escorregadios.

Recosto na minha cadeira. Parte do ar no estofado escapa.

É claro que vai ser no dia 30 de setembro. O mesmo dia da exposição.

— Evie vai voltar para ajudar?

Minha irmã me mandou uma mensagem outro dia e uma longa sequência de fotos de seu quarto no dormitório, uma selfie com sua nova colega de quarto e uma vista do amanhecer no campus depois de uma corrida matinal.

Talvez, se ela voltar, ela possa ajudar como costumava fazer, e eu possa dar uma saidinha...

Minha mãe franze o cenho.

— Con, você sabe que sua irmã está ocupada com a faculdade.

E quanto a mim? Eu estou ocupada. Tenho outras coisas para fazer. Tenho uma vida.

Mas não posso dizer essas coisas.

— Ah, é mesmo. Verdade.

Mẹ suspira enquanto mistura seu phở.

— Eu sei que não é a melhor situação. Sei que não é assim que você quer passar seu tempo. — Tento protestar, mas ela apenas acrescenta: — Você não é tão difícil de decifrar. Seu rosto sempre me diz tudo. Eu simplesmente sei. Mas nós queremos que isso dê certo. Precisamos que isso dê certo. Ou então seu pai vai ficar emburrado por dias.

Ela olha de soslaio para Ba, que está levando os pedidos do casal para a cozinha.

Não há a menor chance de eu ver a exposição. Chance nenhuma.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Mordo meu rolinho de ovo. Encharcado.



3

Bão

Eu me arrependo de muita coisa na vida, e sei que, nesse ritmo, vou me arrepender de muitas outras. Mas meu arrependimento número um *agora* é fazer jornalismo como eletiva. Astronomia, a aula mais fácil que um aluno do último ano pode fazer, já estava cheia. Viêt teve sorte de entrar. Eu achava que jornalismo era a segunda mais fácil. Desde o primeiro ano, o *Hawkview* vive cheio de palavras cruzadas, sudoku e jogos de “Encontre a diferença”, e sempre acabava enfiado em latas de lixo do banheiro ou do refeitório.

Então Allison Dale se tornou editora-chefe. Juro, ela é mais rígida do que qualquer jornalista do *Los Angeles Times*. Allison nem sequer *faz* essa aula — o último período dela é de estudo livre, o que significa que ela tecnicamente pode ir embora mais cedo, mas não faz isso. Embora essa seja nossa primeira aula de jornalismo, Allison já está esperando que a gente saia atrás de notícias grandes, como a vez em que o time de xadrez roubou o dinheiro de sua campanha conjunta com o time de damas — como Allison descobriu isso, não faço ideia.

O orientador, Ben Rowan, devia se impor com mais frequência, mas ele parece mais uma babá superestimada. Rowan deixa Allison comandar tudo no jornal. Ele é o tipo de cara que parece dizer “desculpa” toda hora.

Estamos no final da nossa reunião editorial sobre o andamento das reportagens. Decido ficar na minha e tentar não cair no sono, já que é o fim do dia letivo. Mas uma parte de mim ainda está se recuperando de ser encurralado por nerds do teatro na feira de clubes durante o almoço. Traumático. Eles

estavam demonstrando algum tipo de jogo em círculo no pátio, mas, para mim, parecia que eles estavam tentando invocar demônios. Outros clubes eram menos intimidadores. Aparentemente há um novo clube de TikTok? Eu até consegui evitar a Associação de Estudantes Vietnamitas.

A presidente, Kelly Tran, ainda não me perdoou por ter perdido a hora e não aparecer em um dia de voluntariado de sábado durante o segundo ano. Na verdade, foram três.

A sala do jornal costumava ser uma sala de artes, então as paredes têm pôsteres sobre ética jornalística e um retrato ampliado de Woodward e Bernstein posando juntos na juventude — não sei de onde isso veio —, mas também uma pia funda com um gotejar irritante e jarros com tintas verde neon e amarelas que sobraram do semestre passado. Computadores da Apple rodeiam todo o perímetro da sala, todos adormecidos. Fico basicamente em silêncio porque não tenho nada para mostrar. Esqueci meu artigo sobre as próximas excursões da escola.

Meio que esqueci.

A verdade é que eu comecei a escrevê-lo. Sério mesmo. Conversei com as pessoas que a Allison me disse para procurar: os motoristas de ônibus, os professores e uns alunos aleatórios que ela encontrou em algum lugar, e anotei tudo o que eles tinham a dizer — nada interessante, é claro.

Mas, assim que comecei a digitar durante a última aula, minhas palavras pararam de fazer sentido. Lembro de, naquele momento, pensar: *Qual é o sentido disso? Alguém vai ler isso?* Então minhas palavras e frases congelaram na tela até nada mais sair, e fiquei empacado tentando encontrar um jeito de unilas e formar alguma coisa remotamente razoável.

Enquanto isso, todos ao meu redor estavam focados, digitando sem parar, colocando suas histórias naquelas “pirâmides” ou qualquer coisa que Rowan nos ensinou quando as aulas começaram.

Então digo que “esqueci” meu artigo, e Rowan apenas suspira...

Ele acabou de escrever Perdedor no bloco dele?

Sinceramente, não sei de onde Allison tira energia. O que ela come? O que os pais dela *fizeram* com ela? Ela está no meio das mesas, que foram reunidas

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma história de amor agridoce" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).